



**O RÓTICO EM CODA SILÁBICA FINAL NA REGIÃO SUL DO BRASIL:
VARIAÇÃO E MUDANÇA NO *CORPUS* DO ALiB¹**

**RHOTICS IN FINAL SYLLABIC CODA IN THE SOUTHERN REGION OF
BRAZIL: VARIATION AND CHANGE IN THE CORPUS OF ALiB**

*Ingrid da Costa Oliveira*²

*Mayra Santana*³

*Karilene da Silva Xavier*⁴

*Carolina Ribeiro Serra*⁵

Resumo

Neste artigo, estudamos o processo de variação do rótico, em coda silábica externa (viajaR, cantoR), em três capitais do Sul do Brasil – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – e seis municípios do interior dos Estados dessa região: Santa Maria, Caçapava do Sul, Lages, Criciúma, Guarapuava e Campo Mourão. Os dados foram extraídos de amostras de fala espontânea dos inquiridos do Projeto ALiB, gravados em áudio nos anos 2000. Trata-se de um estudo varia-

1 Este artigo apresenta os resultados das dissertações de mestrado de Santana (2017) e Oliveira (2018), orientadas pela Profa. Carolina Serra. Para a realização dessas pesquisas, tivemos o privilégio de consultar, trocar ideias e pedir socorro, em muitos momentos, a Dinah Callou, que com sua inteligência arguta e com sua infinita generosidade sempre foi nossa principal interlocutora.

2 Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: oliver.ingrid@hotmail.com.

3 Escola Municipal Escritor Millôr Fernandes – Prefeitura do Rio de Janeiro. E-mail: mstn18@yahoo.com.br.

4 Escola Técnica do Arsenal de Marinha – Marinha do Brasil, Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: karilened@gmail.com.

5 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: carolinaserra@letras.ufrj.br.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 19/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

cionista, que tem por finalidade: 1) analisar a diversidade de pronúncia do /r/ e o avanço do apagamento em coda final e 2) verificar a atuação de fatores linguísticos e sociais favorecedores do cancelamento. Para alcançar esses objetivos, utilizamos o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994). Foram selecionados oito informantes (quatro com nível superior de escolaridade e quatro com nível fundamental) de cada capital e quatro (com grau mais baixo de escolaridade) de cada município do interior. Os resultados gerais, quanto às capitais, mostram que: 1) o maior percentual de apagamento ocorre em Florianópolis; 2) há prevalência do tepe nos verbos e a mesma variante prepondera em Curitiba e Porto Alegre em não verbos, enquanto em Florianópolis sobressai a fricativa velar nesta categoria; 3) o apagamento é semicategórico nos verbos com os percentuais de 87%, em Curitiba; 94%, em Florianópolis e 86%, em Porto Alegre; 4) na categoria dos não verbos, o processo de mudança se encontra em fase bastante inicial, em Curitiba (5%) e Porto Alegre (7%), e mais avançado em Florianópolis (41%). Os resultados gerais obtidos no interior, por outro lado, apontam 1) altos índices de apagamento em verbos, em todos os municípios – Santa Maria (95%), Caçapava do Sul (89%), Criciúma (97%), Lages (87%), Campo Mourão (90%) e Guarapuava (94%); 2) em contraste com uma baixa frequência em não verbos – 16%, 8%, 22%, 6%, 3% e 11%, respectivamente; 3) a aproximante retroflexa e o tepe foram as realizações fonéticas mais frequentes em verbos e não verbos.

Palavras-chave: Rótico; Coda silábica final; ALiB; Sociolinguística; Região Sul.

Abstract

This paper aims to study the process of rhotic variation in final syllabic coda, in three state capitals in the South of Brazil – Porto Alegre, Florianópolis and Curitiba – and six cities located in the interior of these States: Santa Maria, Caçapava do Sul, Lages, Criciúma, Guarapuava and Campo Mourão. The goals are the following: 1) to analyze the variable realization of /r/ in final syllabic coda; 2) to examine the role of linguistic and social factors constraining variation. In order to achieve the established goals, the theoretical-methodological apparatus of Labovian Quantitative Sociolinguistics (LABOV, 1994) was used. The data have been collected from the ALiB Project (spontaneous speech), recorded as audio files in the early 2000s. Eight participants from the capitals (four graduated and four with lower educational background) and four (with lower educational levels) from each city from the interior have been selected for the analysis. The general results, referring to the capitals, show that 1) the largest percentage of deletion takes place in Florianópolis; 2) the tap prevails in verbs in the three cities, and the same variant dominates in Curitiba and in Porto Alegre in non-verbal classes, while in Florianópolis the velar fricative prevails such classes; 3) the rhotic deletion is semi-categorical in verbs, reaching 87% in Curitiba, 94% in Florianópolis, and 86% in Porto Alegre; 4) as for the non-verbal categories, the rhotic deletion is still a process of change in a very early stage; in Curitiba (5%), in Porto Alegre (7%) and in Florianópolis (41%). On the other hand, the general results obtained in the interior cities indicate 1) high deletion rates in verbs in all of them – Santa Maria (95%), Caçapava do Sul (89%), Criciúma (97%), Lages (87%), Campo Mourão (90%) and Guarapuava (94%); 2) in contrast to a low frequency in non-verbs – 16%, 8%, 22%, 6%, 3% and 11%, respectively; 3) the retroflex approximant and the tap were the most used realizations in verbs and non-verbs.

Keywords: Rhotic; Final syllabic coda; ALiB; Sociolinguistics; South region.

Introdução

Os róticos são conhecidos por sua considerável variabilidade entre as línguas do mundo, constituindo-se como o fonema com o maior número de realizações fonéticas (CALLOU, 2009: 136). No português, suas múltiplas realizações no contexto de coda silábica final recobrem as articulações *vibrantes alveolares* (múltipla, simples e retroflexa), *vibrante uvular*, *fricativa velar*, *fricativa laríngea*, até a sua não realização, isto é, o *zero fonético*. Essa pluralidade pode ser interpretada como vestígio de um processo de enfraquecimento articulatorio, que leva, em seu último estágio, ao cancelamento do segmento ($r \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$), como postula Callou (1987) em sua tese de doutorado. Sua excentricidade, por assim dizer, transformou a classe de sons em candidata natural a foco para o qual convergem pesquisas linguísticas brasileiras, sendo os róticos um objeto de grande interesse para os estudiosos da variação linguística (CALLOU, 1987; MONGUILHOTT, 1997, 2007; CALLOU, LEITE & MORAES, 2002; ABAURRE & SANDALO, 2003; BRANDÃO, MOTA & CUNHA, 2003; HORA & MONARETTO, 2003; BRESCANCINI & MONARETTO, 2008; MONARETTO, 1997, 2000, 2002, 2009; SILVEIRA, 2010; SERRA & CALLOU, 2013, 2015; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015; BRANDÃO, PESSANHA, PONTES & CORREA, 2017; BRANDÃO & de PAULA, 2018; BRANDÃO, neste volume, entre muitos outros).

Percebemos, então, que há uma variedade de sons de *R* que desafia os estudos linguísticos, os quais tentam, de alguma forma, compreendê-los como um grupo, uma classe, malgrado não haver sempre coincidência acústica/articulatória entre todos os membros da classe (v. BRANDÃO, neste volume). Dessa forma, a partir das gravações pertencentes ao projeto Atlas Linguístico do Brasil⁶ (CARDOSO, 2003 – Documentos 4), este artigo propõe uma observação da variabilidade de produção do segmento em questão, em contexto de coda silábica final, em verbos e não verbos, como mostram os Exemplos (1) e (2), a seguir, a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1994). Esse modelo teórico-metodológico visa a aliar a observação do comportamento estrutural da língua aos aspectos sociais, os quais interferem na variação e na mudança linguística.

(1) Posso te**R** comido, mas não sei, não. (Informante 5, Curitiba)

(2) Quer dizer, flo**R** é diferente de planta, né? (Informante 2, Florianópolis)

Embora a produção dos róticos seja um tema já bastante investigado, o presente artigo propõe um *mapeamento atual* da sua pronúncia na região Sul do Brasil, utilizando dados das três capitais – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – e de seis diferentes localidades interiores – Santa Maria e Caçapava do Sul (RS), Criciúma e Lages (SC), Campo Mourão e Guaruapuava (PR). Quanto às capitais, pretendemos realizar uma análise complementar relativamente à distribuição dos dados já apresentados nas cartas F04 C 1, F04 C 2, F04 C 3, F04 C 4 do

⁶ <https://alib.ufba.br/>

segundo volume do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al*, 2014), que toma como base fundamentalmente as respostas monovocabulares às perguntas do Questionário Fonético-Fonológico⁷. Lá, não é realizada estritamente análise variacionista, na esteira da Sociolinguística Laboviana; a abordagem é Geolinguística. Nosso estudo reúne uma quantidade grande de dados, em contextos maiores de produção de fala, pois que foram recolhidos do Discurso Semi-dirigido (Entrevistas informais com tema previamente estabelecido) e de partes de conversação espontânea dentro/entre dos questionários. Complementamos então a análise com dados dos municípios do interior dos estados do Sul (localidades bem afastadas das capitais) ainda não analisados quanto à pronúncia dos róticos, contribuindo, assim, para o avanço da descrição do comportamento linguístico de falantes oriundos dos interiores que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB.

As gravações realizadas nas capitais foram realizadas tanto com indivíduos com menor grau de escolarização (alfabetizados tendo cursado até no máximo o atual 7º ano do ensino fundamental) quanto com aqueles com maior grau de escolarização (ensino superior completo); por outro lado, para os falares do interior, só há gravações de informantes com menor grau de escolarização, pela dificuldade de se encontrar nessas localidades falantes com ensino superior completo. Além dos dois níveis de escolaridade, o *corpus* do Projeto já foi construído levando-se em conta a estratificação das amostras por sexo dos informantes (homens e mulheres) e duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos).

O enfraquecimento do rótico e o avanço do apagamento estão diretamente relacionados a questões acústicas/articulatórias de produção (contraparte linguística) e sua distribuição regional (contraparte social): os maiores percentuais de manutenção do segmento em coda final ocorrem preferencialmente nos dialetos em que a consoante se realiza como vibrante ápico-alveolar, e o apagamento, nos dialetos que possuem realizações mais posteriorizadas e fricativas (v. cartas F04 C1, F04 C2, F04 C3, F04 C4, CARDOSO *et al*, 2014). Estudos sobre o rótico na região Sul têm demonstrado que a consoante mantém ainda seu caráter vibrante, e a realização predominante é um tepe alveolar (CALLOU, LEITE & MORAES, 2002; MONARETTO, 1997; BRESCANCINI & MONARETTO, 2008; SANTANA, 2017; OLIVEIRA, 2018), embora haja bastante variação entre as diversas localidades que compõem a região. A respeito do fenômeno de apagamento do rótico, estudos recentes mostram que, nas cidades da região Sul, esse processo ocorre em uma escala muito inferior em relação às outras regiões do Brasil. Monaretto (2000), por exemplo, investiga o comportamento do *R* nas capitais da região Sul, e como resultado encontra um percentual de apagamento de apenas 40%, no geral, sendo a classe morfológica dos verbos e a posição pós-vocálica final os maiores condicionadores do processo.

⁷ Os inquéritos do Projeto ALiB são constituídos por diversos questionários. Há os direcionados para aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos. Acrescentam-se questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos com relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal, perguntas de metalinguística e um texto para leitura.

Dessa maneira, por apresentarem ainda índices consideráveis de realização do segmento, principalmente entre os não verbos, a região Sul é ideal para a verificação da atuação das variáveis que estariam envolvidas na aplicação da regra variável de cancelamento, bem como para a observação do estágio num possível processo de mudança linguística que desemboca no zero fonético em coda silábica.

O objetivo principal do presente artigo é, portanto, propor uma análise da realização variável dos róticos em coda final na região Sul, contribuindo, assim, com o que já tem sido feito no âmbito do projeto ALiB. Os objetivos específicos são os seguintes: i) investigação da atual frequência de uso de consoantes fricativas e da evolução do processo de apagamento do rótico, visto que, em trabalhos anteriores, a norma de pronúncia apontada para esta região é o tepe; (ii) observação das variáveis linguísticas e sociais que poderiam explicar a escolha pelos tipos de realização do rótico, de acordo com o método de análise sociolinguística; (iii) comparação dos resultados encontrados do comportamento linguístico de indivíduos de regiões interioranas com os das capitais.

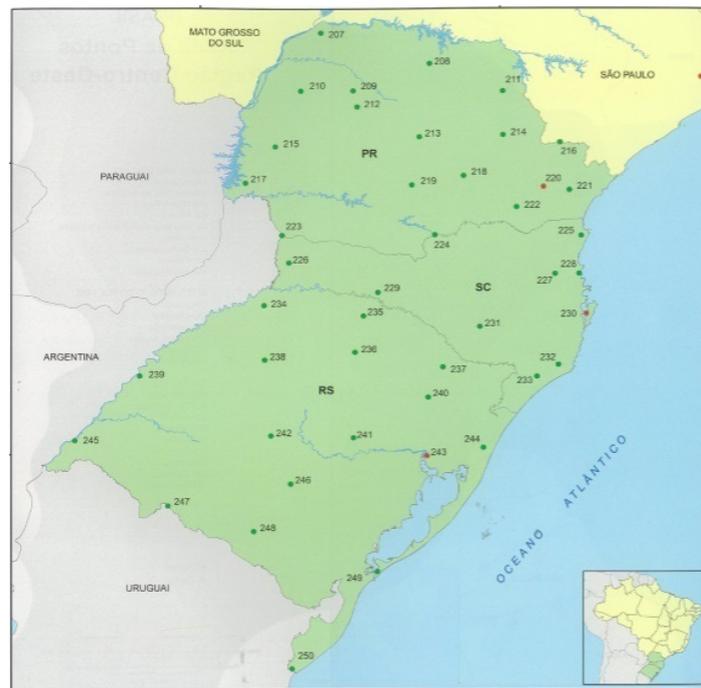
Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, a seguir, apresenta-se uma breve contextualização político-geográfica das localidades investigadas. Em seguida (seção 3), há a apresentação dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança que serviram de fundamento para esta pesquisa, além da descrição dos passos metodológicos seguidos, apresentação das variáveis testadas e das hipóteses para cada uma delas. Nas seções 4 e 5, trazemos os resultados e as discussões, a partir da análise variacionista desenvolvida com o auxílio do pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Por fim, encontram-se as considerações finais, as quais apresentam uma síntese das principais conclusões a que chegamos e das contribuições que pretendemos dar ao campo de estudo dos fenômenos variáveis no português.

Breve apresentação das localidades

O Projeto do *Atlas Linguístico do Brasil* iniciou suas atividades de recolha de *corpora* nos últimos anos do século XX, contando com o auxílio de grupos de trabalho por todo o Brasil, liderados pelas professoras Suzana Cardoso (*in memoriam*) e Jacyra Mota (UFBA). Como outros atlas atuais, contempla fatores diatópicos, parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico e diarreferencial, e reúne informações linguísticas cartográficas, estudos e comentários das cartas, além de oferecer acesso aos dados vivos. Ao total, o *corpus* do ALiB está constituído por dados de 250 localidades e de 1100 informantes, distribuídos pelas cinco regiões do Brasil.

Neste artigo, nos restringimos à análise de nove pontos localizados na Região Sul, a qual, como se sabe, é formada por três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Na região, o Índice de Desenvolvimento Humano (doravante, IDH) é o mais alto do país. As

localidades que forneceram os dados para a nossa análise se encontram distribuídas ao longo dessa amacrorregião, que pode ser conferida por meio do Mapa 1, abaixo.



Mapa 1: Mapa da região sul do Brasil. Fonte: CARDOSO *et al.*, 2014

Os municípios investigados correspondem a números da rede de pontos do ALiB: Porto Alegre 243, Caçapava do Sul 246, Santa Maria 242, Florianópolis 230, Lages 231, Criciúma 233, Curitiba 220, Guarapuava 218, Campo Mourão 212. A seguir, serão apresentadas informações coletadas no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e nas páginas oficiais das prefeituras de cada cidade.

No Rio Grande do Sul, são foco da nossa análise dados dos informantes das cidades de Porto Alegre, Caçapava do Sul e Santa Maria. Na capital, quanto à escolarização, a taxa de conclusão do ensino fundamental (idade entre 15 e 17 anos) foi de 58%, nos anos 2000, e a de conclusão do ensino médio, considerando a faixa etária de 18 a 24 anos, foi de 51%. Já em Caçapava do Sul, em termos educacionais, segundo os resultados gerais do Censo Demográfico de 2010, dos 26.639 habitantes contabilizados, 17.056 não possuem nenhuma instrução ou possuem só o ensino fundamental incompleto; 5.141 possuem ensino fundamental completo; 5.411 concluíram o ensino médio; e apenas 1.955 possuem um curso superior completo. A taxa de escolarização dos indivíduos entre 6 e 14 anos é de 99%. Santa Maria, uma cidade universitária que acolhe a Universidade Federal de Santa Maria, apresentava em 2014 um Produto Interno Bruto (Doravante PIB) *per capita* de 9.926,72 e um IDH de 0,784. No que diz respeito à educação, de acordo com o censo demográfico de 2010, a taxa de escolarização de indivíduos entre 6 a 14 anos de idade era de 98,1%. Dentre os 229.504 recenseados, 85.798 não possuem instrução formal ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 42.134 possuem ensino fundamental completo; 67.880 completaram o ensino médio; e 32.994 são formados em algum

curso superior.

A cidade de Caçapava do Sul – uma das mais antigas do Rio Grande do Sul – pertence ao Sudeste Rio-grandense e está localizada a 260 km da capital do estado, enquanto Santa Maria está localizada na Zona da Campanha e se encontra a uma distância de 290 km de Porto Alegre.

Em Santa Catarina, analisaremos dados de informantes dos municípios de Lages, Criciúma e Florianópolis. O primeiro está localizado na região serrana do estado, a 224 km da capital, e o segundo, no extremo sul catarinense, a 200 km de Florianópolis. Em extensão territorial, Lages, com 2.631,504 km², é o maior município de Santa Catarina, enquanto Criciúma está restringido a uma área de 190,97 km².

Na capital Florianópolis, o IDH é de 0,8, o que expressa um resultado mais elevado do que a média do estado e igualmente maior que a média do país. A taxa de conclusão do ensino fundamental (15 a 17 anos), nos anos 2000, foi de 60% e o percentual de conclusão do ensino médio (18 a 24 anos), no mesmo ano de referência, foi de 54%. Lages, segundo o IBGE, no ano de 2010, contava com uma população de 156.727 habitantes com um IDH de 0,770 e um PIB *per capita* de 26.792,76. Com relação à educação, os dados do Censo Demográfico de 2010 apontam que, dos 134.278 recenseados, 59.675 habitantes de Lages não possuem nenhuma instrução ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 26.228 possuem ensino fundamental completo; 33.123, ensino médio completo; e somente 14.220 possuem formação em curso superior. A taxa de escolarização de indivíduos entre 6 e 14 anos é de 97,3%. Enquanto Criciúma, segundo dados do *Atlas do Brasil* de 2013, está entre os cem municípios com melhor IDH no Brasil – calculado em 0,788 e, de acordo com os números do IBGE, possui um PIB *per capita* de 31.665,76. Com relação ao nível de instrução da população, segundo o Censo Demográfico de 2010, dentre os 167.414 recenseados, 68.427 se encaixam na categoria sem instrução ou fundamental incompleto; 34.070 possuem o ensino fundamental completo e o médio incompleto; 44.477 possuem o médio completo; e apenas 19.512 pessoas possuem um curso superior completo. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98,5%.

Por fim, com relação ao estado do Paraná, analisaremos dados de informantes nascidos em Curitiba, Guarapuava e Campo Mourão. Com relação aos municípios de Campo Mourão e Guarapuava, aquele faz parte do Centro Ocidental Paranaense e está localizado a uma distância de 477 km da capital, enquanto este está localizado no Centro-Sul Paranaense, a uma distância de Curitiba de 252 km.

Quanto à capital, Curitiba, o IDH, que mede a qualidade de vida pautada nos pilares da educação, da longevidade e da renda, é de 0,8, maior que a média do Paraná e que a do Brasil. A taxa de conclusão do ensino fundamental, concluintes com idade entre 15 e 17 anos, nos anos 2000, foi de 69% e a taxa de conclusão do ensino médio, concluintes com idade entre 18 e 24 anos, no mesmo período foi de 50%. Já Guarapuava, segundo o IBGE, contava com uma população de 167.328 habitantes em 2010, com uma estimativa de 180.364 para 2017. Com relação

à educação, apresentou uma taxa de escolarização de indivíduos de 6 a 14 anos de 97,1%. De acordo com o Censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE, dos 94.238 habitantes contabilizados, 50.092 não possuem nenhuma instrução formal ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 13.840 possuem apenas o ensino fundamental completo; 19.515 concluíram o ensino médio; e 10.655 têm formação universitária. Por fim, Campo Mourão, segundo os dados do IBGE, apresentou um PIB *per capita* de 30.734,6 em 2014 e um IDH de 0,757 em 2010. Sua população em 2010 era de 87.194 habitantes, com uma estimativa de 94.153 para o ano de 2017. Em termos educacionais, possuía uma taxa de escolarização de 6 e 14 anos de 98,2% em 2010. Dos 52.177 habitantes recenseados, 24.878 não possuem instrução ou possuem o ensino fundamental incompleto; 7.888 possuem ensino fundamental completo; 12.157 concluíram o ensino médio; e 7.236 têm curso superior completo.

Aparato teórico-metodológico

A pesquisa segue os passos metodológicos e os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994, 2001), que está relacionada a um modelo de estudo da mudança linguística que considera a língua como um organismo heterogêneo, frequentemente submetido a restrições tanto gramaticais quanto sociais para o seu funcionamento. Weinreich *et alii* (1968, p. 102) já haviam lançado uma proposta concreta de fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. A chamada Teoria da Variação e Mudança (doravante TVM) surge com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística dentro de uma comunidade de fala, fazendo uso de um método quantitativo de análise de dados. A TVM se propôs não só a romper com correntes anteriores as quais pensavam a língua como uma estrutura homogênea como também a investigar o funcionamento do sistema a partir de sua heterogeneidade, que ocorre de forma ordenada e sistemática, segundo restrições linguísticas e sociais.

Na busca de elucidar o estágio em que se encontra o processo de variabilidade de pronúncia/cancelamento do rótico, o encaixamento da regra variável na estrutura linguística e na estrutura social e a atuação de estímulos e restrições para a difusão desse processo, faremos uso da análise estatística dos dados com recurso ao pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A identificação de oitiva dos tipos de realização do rótico é auxiliada pela análise acústica, realizada no programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2015).

Com base em trabalhos anteriores, testaremos a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no processo do apagamento variável do rótico nas diferentes comunidades linguísticas escolhidas. Realizaremos um estudo em tempo aparente com falantes de duas faixas etárias diferentes, visto que todas as entrevistas aqui analisadas foram gravadas no mesmo período de tempo, nos anos 2000. A seguir, apresenta-se uma descrição detalhada dos passos metodológicos da pesquisa, assim como do *corpus* utilizado.

Em cada uma das nove localidades selecionadas por nós foram inquiridos quatro informantes – exceto nas capitais, onde foram inquiridos oito informantes, que se caracterizam pelo seguinte perfil: mulher da faixa etária 1 (18-30 anos), homem da faixa etária 1, mulher da faixa etária 3 (50-65 anos) e homem da faixa etária 3. Assim, nas capitais, selecionamos o total de 24 entrevistas, 12 com indivíduos com ensino superior completo e 12 com indivíduos com até o 7º ano do fundamental (oito para cada um dos 3 pontos) e, nas localidades do interior, selecionamos também 24 entrevistas – quatro para cada um dos 6 pontos, todos os falantes com grau menor de escolarização. Para as cidades do interior, realizamos a transcrição grafemática dos inquiridos e, para as capitais, já pudemos contar com as transcrições que haviam sido realizadas para a feitura das cartas do Atlas.

Já com os arquivos de texto prontos, foram selecionados/destacados os vocábulos com a presença do rótico em posição de coda final. Em seguida, as entrevistas foram ouvidas, com o acompanhamento da transcrição, e as ocorrências do segmento em questão foram codificadas. A princípio, era sinalizada a presença (h) ou ausência (0) do segmento e, caso houvesse realização, era inserido também um símbolo específico para cada variante empregada. Ainda que tenha sido realizada a transcrição da entrevista na íntegra, para a coleta de dados, só foram considerados os trechos mais contínuos de fala, sendo descartados os dados referentes a respostas monovocabulares das perguntas dos questionários. Além desses casos, também não se considerou a parte da gravação referente à leitura de um texto, visto que nosso objetivo é a análise da fala mais espontânea possível.

Levando em conta a importância da variável linguística *classe morfológica* do vocábulo portador do rótico para a atuação do cancelamento, optamos, então, por codificar e analisar separadamente os dados de verbos e não verbos, com o objetivo de obter uma visão mais clara da distribuição do processo de apagamento. Seguindo a metodologia de pesquisa variacionista (LABOV, 1962, 1994), a etapa seguinte consistiu na codificação do total de 9.628 dados – sendo 7.701 em formas verbais e 1.927 em formas não verbais, a partir das 48 entrevistas. Ao separar os dados por localidades, nas capitais, foram coletados 6.529 dados de *R* em coda final, sendo 5.282 dados de formas verbais e 1.247 dados em não verbos; já nas localidades do interior, houve 3.099 no total, sendo 2.419 em formas verbais e 680 em formas não verbais.

Posteriormente, os arquivos gerados pela codificação das variáveis foram submetidos ao pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A última etapa consistiu na análise e interpretação dos resultados obtidos nas rodadas estatísticas. A seguir, serão apresentadas brevemente as variáveis dependentes e as independentes – linguísticas e sociais – testadas na análise, a partir das hipóteses estabelecidas para a influência de cada uma delas na aplicação da regra variável de cancelamento do rótico.

A variável dependente binária constitui-se de duas variantes: apagamento ou realização do *R*, não importando o tipo de realização, pois não há oposição de sentido a depender da rea-

lização do *R* na posição silábica aqui analisada – a coda. Apesar disso, foi feita a identificação das formas variantes do rótico entre os dados: vibrante múltipla, tepe, aproximante (retroflexa), fricativa velar, fricativa uvular, fricativa glotal (aspirada) ou zero fonético. Como se sabe, em posição de coda silábica final, a oposição distintiva existente entre os róticos, produtiva apenas em posição intervocálica – /R/ forte vs /r/ fraco, é desfeita.

Quanto às variáveis independentes, apresentamos primeiramente as linguísticas:

a) Classe morfológica – verbos (*colocar*)/ não verbos (*senhor, maior, melhor*)

Pesquisas anteriores sobre o comportamento do rótico em coda silábica final têm demonstrado que os índices de apagamento em formas verbais são sempre superiores aos índices de apagamento em não verbos, independentemente da localidade estudada (CALLOU, LEITE & MORAES, 2002; MONARETTO, 1997; HORA & MONARETTO, 2003). O cancelamento é favorecido na classe dos verbos, pois neles o rótico é uma marca morfológica redundante para indicar o infinitivo/subjuntivo verbal, concorrendo com a marca prosódica do acento de palavra e perdendo para ela. Por conta desses resultados, pesquisas recentes têm optado por separar os dados em dois grandes grupos e realizar análises separadas do comportamento do *R* em cada um deles.

b) Dimensão do vocábulo – monossílabos (*ter*)/ palavras de duas sílabas ou mais (*arrumar*)

Essa variável faz referência à importância do tamanho do vocábulo para a aplicação da regra de apagamento do *R*. A partir da hipótese da saliência fônica, busca-se verificar se, em vocábulos menores, nos quais o rótico apresenta maior saliência fônica, há maior probabilidade de preservação do segmento. Trata-se de um grupo de fatores frequentemente apontado nos estudos como relevante para o fenômeno aqui estudado e a hipótese mencionada acima já foi confirmada em diversos trabalhos.

c) Contexto fonético antecedente (qualidade da vogal) – [i] (*ir*) / [e] (*vencer*) / [ɛ] (*mulher*) / [a] (*trabalhar*) / [ɔ] (*maior*) / [o] (*matador*) / [u] (*abajur*)

Investigamos a influência da vogal que antecede o *R* na aplicação do processo de cancelamento do segmento. Para isso, consideramos individualmente as sete vogais orais do português, a fim de capturar generalizações quanto aos traços de arredondamento (labial), altura (no eixo vertical) e de ponto de articulação das vogais (no eixo vertical) e sua interferência para a realização ou apagamento do rótico. Os resultados de Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003) apontam que a presença de vogais com traço [+arred] (ɔ, o, u) aumenta a probabilidade de realização do segmento, enquanto vogais de traço [-arred] (a, ɛ, e, i) estimulariam o seu cancelamento. Levando em conta que as realizações mais frequentes do rótico no Sul são as ápico-alveolares, poderíamos pensar que a semelhança articulatória com as vogais a, ɛ, e, i, também produzidas na parte mais anterior do trato bucal e sem protusão labial, propiciaria o

cancelamento do *R*.

d) Contexto subsequente

Consoante: “Oh senhor, o **senhor** derrubou alguma coisa aí.” (Santa Maria, informante 3)

Vogal: “O **mar** aqui né, a água azul.” (Guarapuava, informante 4)

Pausa: “Tu vai sair em algum **lugar**?” (Criciúma, informante 3)

Nosso objetivo é o de analisar se o contexto imediatamente subsequente ao *R* influenciaria de alguma forma seu comportamento. Seguindo Serra & Callou (2013, 2015), formula-se a hipótese de que diante de pausa o cancelamento do *R* ocorre com menor frequência. A presença da pausa exerce influência no processo de apagamento (como um inibidor), pois possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Essa relação se deve ao fato de a pausa ser a principal pista, tanto na produção quanto na percepção, do limite de um sintagma entoacional (IP) (SERRA, 2009, 2010), contexto que inibiria a aplicação de processos segmentais. Quando seguido de vogal, existe a possibilidade de o *R*, em coda final, sofrer ressilabificação, passando a constituir o ataque da sílaba seguinte. Dessa forma, o apagamento do rótico seria favorecido por uma consoante em contexto subsequente.

Quanto às variáveis extralinguísticas, são elas:

a) Sexo do informante – feminino/ masculino

Esta variável é um importante objeto de estudo de pesquisas sociolinguísticas. Isso ocorre, pois, do ponto de vista social, homens e mulheres assumem papéis diferentes, o que os leva a interagir de maneira distinta em cada situação comunicativa. Segundo Labov (1972), existiria uma postura expressiva mais apropriada para cada um dos sexos e, em geral, as mulheres se adaptam com mais facilidade às mudanças linguísticas do que os homens, o que as colocaria muitas vezes uma geração à frente. Callou (1987) mostra, com base na pesquisa de outros autores, que a fala das mulheres apresenta algumas vezes traços arcaizantes e outras vezes traços inovadores.

b) Idade do informante – faixa etária 1/ faixa etária 2

Com essa variável, buscamos verificar se a faixa etária influenciaria na atuação do fenômeno de apagamento do rótico, visto que, em trabalhos anteriores, já é atestado que as mudanças linguísticas não são abruptas e, geralmente, tendem a começar na fala dos indivíduos mais jovens. Dessa forma, parte-se da hipótese de que os informantes da geração mais jovem – de 18 a 30 anos (faixa1) – apresentam um comportamento linguístico mais inovador, enquanto os mais velhos – entre 50 a 65 anos (faixa 2) – tendem a ser mais conservadores, preservando com mais frequência o segmento⁸.

⁸ O *corpus* do ALiB não apresenta uma faixa etária intermediária que englobe os falantes entre 30 e 50 anos.

c) Área geográfica do informante – Florianópolis (SC)/ Criciúma (SC)/ Lages (SC)/ Porto Alegre (RS)/ Caçapava do Sul (RS)/ Santa Maria (RS)/ Curitiba (PR)/ Guarapuava (PR)/ Campo Mourão (PR)

Analisando as diferentes pesquisas sobre a variabilidade do rótico em posição de coda silábica, fica evidente que o fenômeno se comporta de forma diferente a depender da localidade. Através dessa variável, seremos capazes de responder se o *R* segue o mesmo comportamento em todos os estados da região Sul e, até mesmo, se existe diferença entre dois municípios do mesmo estado.

d) Escolaridade – nível fundamental / nível superior

Esta variável identifica o falante em mais escolarizado ou menos escolarizado. O grau de instrução do falante pode interferir no uso de determinada forma linguística variante; assim, formas estigmatizadas e/ou aquelas que são alvo do ensino escolar poderão surgir ou não na fala do indivíduo a depender de sua escolarização.

Na sequência desta breve apresentação das etapas metodológicas do estudo, passamos à análise e discussão dos resultados.

Resultados para as capitais

No total, foram coletados 6.529 dados de *R* em posição de coda silábica final nas capitais da Região Sul do Brasil – 5.282, em formas verbais; e 1.247, em formas não verbais. Entre os verbos, o percentual geral de apagamento, contemplando as três capitais, foi de 89%, enquanto entre os não verbos, o índice foi de apenas 19% (Gráficos 1 e 2). Embora o percentual de apagamento entre os não verbos seja baixo, podemos antever o início do processo de mudança, se temos em mente que o cancelamento em verbos já é quase categórico e que em outras regiões do país, como no Nordeste e no Sudeste, o cancelamento atinge praticamente indistintamente todas as classes morfológicas (v. cartas F04 C1, F04 C2, F04 C3 e F04 C4 em CARDOSO *et al*, 2014; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015, entre outros).

Quando comparamos nossos resultados a resultados anteriores sobre o fenômeno na região Sul, vemos que, entre os não verbos, há índices maiores de cancelamento do rótico atualmente. Por exemplo, nos resultados encontrados por Serra & Callou (2013), considerando amostras de indivíduos cultos (Projeto NURC) e restritos, no Sul, à capital gaúcha, houve realização categórica, ou seja, não houve apagamento entre não verbos, na década de 70, e apagamento de apenas 1%, na década de 90. Atualmente, o cancelamento avança entre os não verbos.



Gráfico 1: Distribuição de apagamento do R em coda final de verbos na Região Sul (capitais)

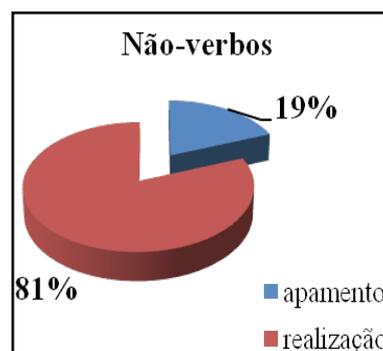


Gráfico 2: Distribuição de apagamento do R em coda final de não verbos na Região Sul (capitais)

Distribuição das variantes

Os 11% de realização em verbos correspondem a um total de apenas 563 dados de R em coda final, distribuídos da seguinte forma: 359 dados de tepe – confirmando resultados de estudos anteriores (MONARETTO 1997, 2000 e 2002) que afirmam ser o r-fraco (tepe) a variante predominante no Sul do Brasil, quando em posição pós-vocálica; 45 dados de aproximante retroflexa, 79 dados de fricativa glotal (aspirada), 62 dados de fricativa velar e 17 dados de vibrante múltipla (Gráfico 3). Foi identificado, nesse universo, um único caso de uvular, cujo percentual era ínfimo e inexpressivo, de forma que o desconsideramos na representação gráfica.

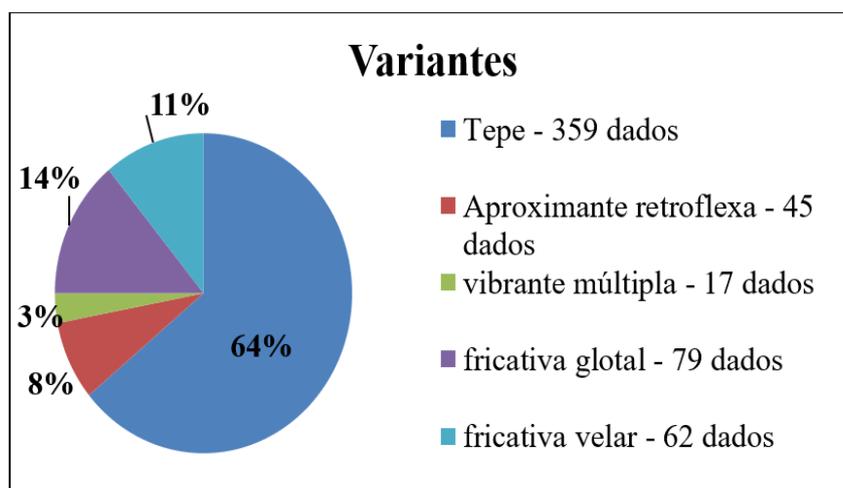


Gráfico 3: Realizações do R em verbos na Região Sul (capitais)

Como vimos, entre os não verbos, foi encontrado um índice de realização de 81%, referente a um total de 1.006 dados de R. A distribuição das variantes se deu da seguinte forma: 161 dados de aproximante retroflexa, 429 dados de tepe, 200 dados de fricativa velar, 131 dados de fricativa glotal (aspirada) e 85 dados de vibrante múltipla (Gráfico 4). Entre os não verbos, há maior equilíbrio entre as variantes. Nenhuma delas alcança metade dos dados, diferentemente do que pudemos observar no Gráfico 3, que mostra a variante tepe correspondendo a 64% do total de dados, valor bem mais elevado do que a segunda forma variante de maior manifestação

(14% de fricativa glotal), por exemplo.

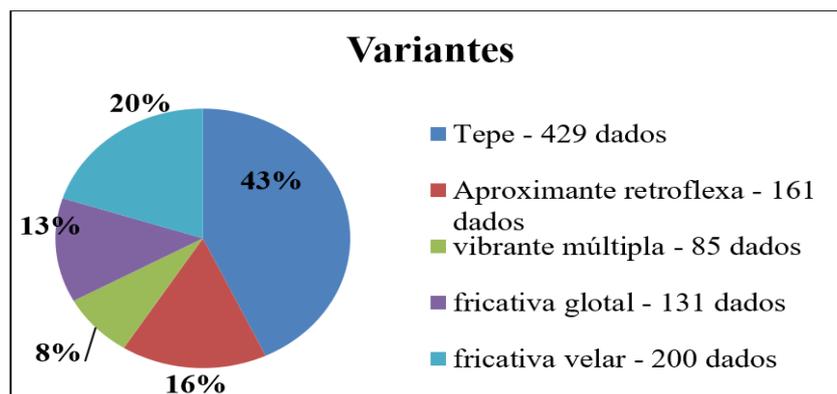


Gráfico 4: Realizações do R em não verbos na Região Sul (capitais)

Na capital do Rio Grande do Sul, há um predomínio de tepe nas categorias de verbos e não verbos (60% e 59%, respectivamente); em Curitiba (PR), assim como em POA, também foi identificada uma preferência pela variante tepe – 75% em verbos e 49% em não verbos –, ainda que o percentual de uso da aproximante retroflexa, em formas não verbais, tenha sido bastante elevado (33%), se comparado com as demais capitais. Por último, em Florianópolis (SC), enquanto o tepe foi a variante mais adotada para os verbos (48%) – a fricativa velar aparece logo em seguida, com um índice de 42%; em não verbos, há um predomínio da variante fricativa velar (69%) (Tabela 1).

Cidade	Verbos/variante preferida	Não verbos/variante preferida
Porto Alegre (RS)	Tepe(60%)	Tepe (59%)
Florianópolis (SC)	Tepe (48%)	Fricativa velar (69%)
Curitiba (PR)	Tepe(75%)	Tepe (49%)

Tabela 1: Variantes do R predominantes, em verbos e não verbos, nas capitais da região Sul

Distribuição do apagamento

A localidade de origem do falante foi selecionada como primeiro fator relevante para a aplicação da regra de cancelamento, na rodada estatística dos não verbos, e como o segundo fator mais relevante, atrás apenas do tipo de vogal antecedente, na rodada dos verbos. Por esse motivo, optou-se pela realização de rodadas individuais para cada capital, com o objetivo de verificar os principais fatores que atuam no processo de cancelamento do rótico nas localidades. A seguir, são apresentados os percentuais de apagamento em cada localidade (Gráfico 5).

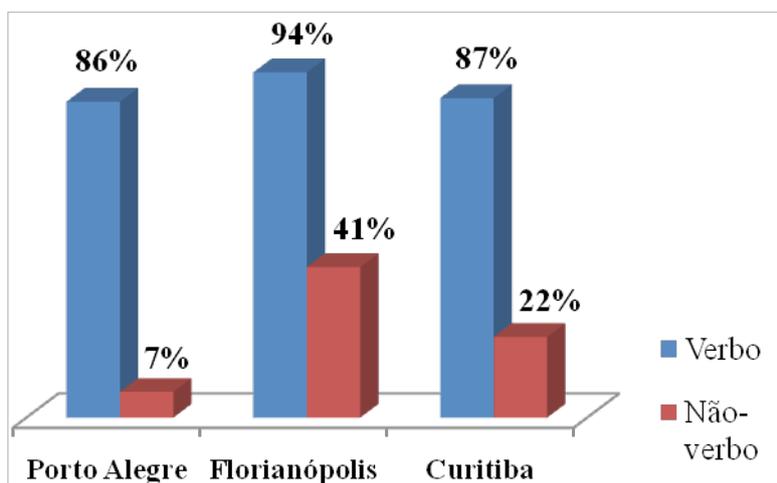


Gráfico 5: Distribuição de apagamento do R nas capitais da Região Sul

A partir da leitura do Gráfico 5, percebemos que Florianópolis é a capital da Região Sul que mais aplica a regra de apagamento do rótico em posição pós-vocálica seja em verbos, como mencionou Monaretto (2000), seja em não verbos, como aponta este estudo. Nesta categoria, inclusive, verificamos um percentual bastante superior (41% de apagamento) em relação às outras capitais – Curitiba (5%) e Porto Alegre (7%).

Como visto anteriormente, as capitais se diferenciam também quanto ao tipo de variante mais utilizada, quando o rótico é realizado. Em Curitiba e em Porto Alegre, tanto na categoria de verbos quanto na de não verbos, a prevalência é de tepe. E, em Florianópolis, a vibrante ocorre com maior frequência (48%) entre os verbos, apesar da concorrência da fricativa velar (42%), que sobressai entre os não verbos para a capital catarinense (69%). Monaretto (2002) sugere que o recuo da articulação do R, passando de anterior para posterior, ocorre de modo mais marcante em Florianópolis devido à condição de sua colonização açoriana. Curitiba e Porto Alegre receberam imigração de alemães e italianos, além de sofrerem interferência do idioma espanhol, através do contato linguístico em suas fronteiras, o que retardaria o processo de mudança. A autora menciona que a vibrante alveolar cede espaço à fricativa velar em contexto pré-vocálico e que o tepe diminui em relação proporcional ao aumento progressivo do zero fonético em contexto pós-vocálico, como também atestam nossos resultados de Florianópolis.

Para os verbos, cinco foram as variáveis (vogal antecedente, contexto subsequente, escolaridade, faixa etária e dimensão do vocábulo) que se mostraram relevantes para a aplicação do processo de cancelamento do rótico, nas três capitais, em diferentes ordens de seleção. Neste artigo, privilegiaremos, então, a apresentação dos grupos de fatores coincidentes na seleção das rodadas individuais; não sendo incluídas as variáveis selecionadas para apenas uma das capitais⁹. Nas tabelas que se seguem, há a indicação da ordem de seleção de cada variável, em cada uma das capitais, bem como o *input* de cada rodada.

⁹ Para um panorama geral dos resultados, consultar Santana (2017) e Oliveira (2018).

A qualidade da vogal que antecede o rótico se mostrou um fator relevante nos resultados das três cidades analisadas: a vogal posterior [o] favoreceu a realização do segmento, enquanto diante das demais vogais, os percentuais de apagamento foram mais elevados (Exemplo 3, a seguir). Os pesos relativos para o apagamento diante da vogal [o] foram .04, em Porto Alegre, e .02, em Florianópolis, já em Curitiba, ocorreu a realização categórica do R após essa vogal (Tabela 2).

Cidade		i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Porto Alegre <i>Input .87</i>	2 ¹⁰	80% .36	89% .56	90% .78	88% .46	-	58% .04	-
Florianópolis <i>Input .98</i>	2 ^o	96% .59	94% .52	96% .23	95% .54	-	63% .02	-
Curitiba <i>Input .91</i>	1 ^o	86% .48	.81 .44	87% .57	93% .56	-	0% -	-

Tabela 2: Distribuição de apagamento do R, em verbos, a depender da vogal antecedente, nas capitais da região Sul

(3) “Quando se que Ø saber?” (Informante 2, Florianópolis)

Com relação à segunda variável, contexto subsequente, mais uma vez, as três cidades apresentaram a mesma tendência: a presença de uma pausa após o R pós-vocálico parece favorecer a realização do segmento, enquanto a presença de uma consoante favorece seu cancelamento (Tabela 3 – exemplos 4 e 5)¹⁰. O fato de a pausa funcionar como um inibidor para o processo de apagamento possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o R se encontra. A pausa é um fenômeno acústico/prosódico tradicionalmente associado à presença de uma fronteira de Sintagma Entoacional (IP), tanto na fala espontânea quanto na leitura (SERRA, 2009). Essa fronteira funciona como um contexto de resistência à aplicação de processos segmentais, como o sândi vocálico e o próprio apagamento do rótico (TENANI, 2002; SERRA & CALLOU, 2013, 2015).

O trabalho recente de Brandão, Pessanha e Pontes (2017) também aponta a variável contexto subsequente como relevante para a aplicação do processo de cancelamento do rótico. Os autores investigam o fenômeno na variedade africana do Português falada na cidade de São Tomé (República Democrática de São Tomé e Príncipe), também em contexto pós-vocálico, e encontram um índice de apagamento de 44,7%; o tepe apareceu como a variante predominante (52,8%). Assim como no presente trabalho, o rótico foi menos concretizado quando se encontrava diante de uma consoante (P.R. .65) e mais realizado diante de vogal e pausa (P.R. .35 e .36, respectivamente).

¹⁰ Para os dados das capitais, optamos por desconsiderar o contexto de vogal na variável contexto subsequente, visto que foram identificados muitos casos de ressilabificação do rótico em ataque da palavra seguinte.

Cidade		Pausa			Consoante		
Porto Alegre <i>Input .87</i>	1°	212/288	74%	.31	525/592	89%	.59
Florianópolis <i>Input .98</i>	5°	345/385	90%	.29	896/927	97%	.59
Curitiba <i>Input .91</i>	3°	295/364	81%	.32	738/821	90%	.58

Tabela 3: Distribuição de apagamento do *R*, em verbos, a depender do contexto subsequente, nas capitais da região Sul

(4) “Pra que essa coisa possa flui**R**.” (Informante 8, Florianópolis)

(5) “[...] se você quise**O** colocar numa fôrma grande como eu coloquei [...]” (Informante 4, Florianópolis)

A primeira variável social selecionada foi a escolaridade do informante e, uma vez mais, observamos o mesmo comportamento em todas as capitais: os informantes mais escolarizados favorecem mais a preservação do *R* do que os informantes com menor grau de escolarização, que favorecem mais o cancelamento (Tabela 4). Esse resultado reforça a hipótese, já levantada na literatura (CALLOU, 1987; CALLOU & SERRA, 2012), do fenômeno de cancelamento do rótico se tratar de uma mudança de baixo para cima, ou seja, iniciada nas camadas mais populares da sociedade e propagando-se, pouco a pouco, para todos os níveis sociais.

Cidade		Menos escolarizados			Mais escolarizados		
Porto Alegre <i>Input.87</i>	5°	660/754	87%	.56	527/632	83%	.42
Florianópolis <i>Input .98</i>	3°	937/969	97%	.68	999/1089	92%	.34
Curitiba <i>Input .91</i>	5°	802/891	90%	.61	794/947	84%	.40

Tabela 4: Distribuição de apagamento do *R*, em verbos, a depender da escolaridade do informante, nas capitais da região Sul

Outra variável social apontada como relevante foi a faixa etária do informante: enquanto em Porto Alegre e Curitiba os informantes mais jovens foram os que apresentaram os maiores índices de apagamento, em Florianópolis, ocorreu o contrário, os informantes da faixa 2 cancelaram o *R* com mais frequência (Tabela5).

Cidade		Faixa 1			Faixa 2		
Porto Alegre <i>Input .87</i>	4°	481/538	89%	.59	706/848	83%	.44
Florianópolis <i>Input .98</i>	4°	589/658	89%	.31	1347/1400	96%	.59
Curitiba <i>Input .91</i>	4°	684/750	91%	.64	912/1088	84%	.40

Tabela 5: Distribuição de apagamento do *R*, em verbos, a depender da faixa etária do informante, nas capitais da região Sul

Com relação à dimensão do vocábulo, a variável foi selecionada apenas para duas capitais (Curitiba e Porto Alegre): o apagamento é desfavorecido em monossílabos e favorecido em palavras com maior número de sílabas (Tabela 6 - Exemplos 6 e 7). Isso, possivelmente, se deve ao fato de o *R* ser mais saliente em vocábulos menores e menos saliente foneticamente em vocábulos com maior número de sílabas, o que levaria mais frequentemente à supressão do segmento nos polissílabos.

Cidade		Monossílabos			2 sílabas ou +		
Porto Alegre <i>Input .87</i>	3°	223/280	80%	.34	964/1106	87%	.54
Curitiba <i>Input .91</i>	2°	236/365	65%	.22	1360/1473	98%	.58

Tabela 6: Distribuição de apagamento do *R*, em verbos, a depender da dimensão do vocábulo, nas capitais da região Sul

(6) “Só se quiser pô**R** coquinho ralado por cima, mas não necessariamente, né [...]” (Informante 2, Porto Alegre)

(7) “[...] pode mandar arrumar, que se depois deixa**Ø**, agrava mais coisa [...]” (Informante 3, Florianópolis)

Para finalizar os resultados relativos aos verbos, o último fator que se mostrou significativo para a aplicação do fenômeno de cancelamento foi o sexo do informante. Essa variável foi selecionada apenas para as cidades de Porto Alegre e Florianópolis, no entanto o resultado de ambas não foi semelhante: os homens apresentaram maior peso relativo para a aplicação do apagamento em Porto Alegre, enquanto em Florianópolis as informantes do sexo feminino favoreceram o cancelamento.

Cidade		Masculino			Feminino		
Porto Alegre <i>Input .87</i>	6°	539/610	88%	.56	648/776	83%	.45
Florianópolis <i>Input .98</i>	1°	775/865	90%	.28	1161/1193	97%	.67

Tabela 7: Distribuição de apagamento do *R*, em verbos, a depender do sexo do informante, nas capitais da região Sul

Partindo para os resultados relativos aos não verbos, a primeira coisa que deve ser comentada é o fato de, na rodada de Curitiba, não ter havido seleção de nenhuma variável como relevante para o processo de cancelamento do rótico, o que, provavelmente, se deve ao fato de o apagamento nesta localidade ter sido de apenas 5%. Por outro lado, nas capitais de Santa Catarina e do Rio grande do Sul, duas variáveis se mostraram significantes: escolaridade do informante e vogal antecedente. Assim como ocorreu com os dados de formas verbais, os informantes mais escolarizados favorecem a preservação do segmento (Tabela 8) e, neste contexto, a presença da vogal posterior aberta [ɔ] favoreceu a realização do segmento em Porto Alegre, enquanto em Florianópolis o menor percentual de apagamento foi encontrado com a vogal anterior [e] (Tabela 9).

Cidade		Menos escolarizados			Mais escolarizados		
Porto Alegre <i>Input .03</i>	1°	21/190	11%	.68	7/217	3%	.34
Florianópolis <i>Input .98</i>	1°	134/242	55%	.67	60/231	26%	.33

Tabela 8: Distribuição de apagamento do *R*, em não verbos, a depender da escolaridade do informante, nas capitais da região Sul

Cidade		e		ɛ		a		ɔ		o	
Porto Alegre <i>Input .03</i>	3°	16%	.72	18%	.84	6%	.55	1%	.16	7%	.59
Florianópolis <i>Input .98</i>	4°	32%	.31	44%	.37	40%	.53	27%	.36	47%	.57

Tabela 9: Distribuição de apagamento do *R*, em não verbos, a depender da vogal antecedente, nas capitais da região Sul

Resultados para o interior

Para a análise relativa aos municípios do interior da região Sul, no total, foram coletados 3.099 dados de *R* em coda final, sendo 2.419, em formas verbais, e 680, em formas não verbais. Como já era esperado, o percentual geral de apagamento, contemplando os seis municípios, foi bastante elevado na categoria dos verbos (92%) e relativamente baixo na de não verbos (11%). Analisando a diferença entre os números de realização e apagamento em ambos os contextos, podemos afirmar que a classe morfológica ainda exerce grande influência no fenômeno do cancelamento do *R*, ao menos na região Sul do país. Enquanto em verbos o processo de mudança já se encontra em um estágio bastante avançado, em não verbos, o processo ainda está em fase inicial, alcançando índices baixos. Esses resultados podem ser observados nos gráficos a seguir (Gráficos 6 e 7).

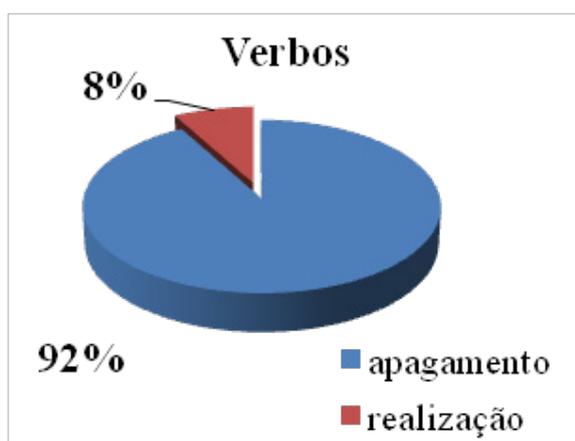


Gráfico 6: Distribuição de apagamento do *R* em coda final de verbos na Região Sul (interiores)



Gráfico 7: Distribuição de apagamento do *R* em coda final de não verbos na Região Sul (interiores)

Distribuição das variantes

Como visto acima, em apenas 8% das formas verbais coletadas na região Sul os falantes optaram pela realização do *R* (182 ocorrências de *R* realizados). Foram identificados quatro tipos de realizações diferentes: tepe, aproximante retroflexa, vibrante múltipla e realizações fricativas – essa distribuição pode ser observada a seguir, no Gráfico 8. A realização predominante nos vocábulos verbais foi o tepe, realizado 94 vezes, o que corresponde a 52% do total de róticos realizados. Em seguida, aparece a aproximante retroflexa, também com um percentual bastante elevado (42%). Enquanto isso, a vibrante múltipla e as realizações fricativas foram realizadas em poucas ocasiões.

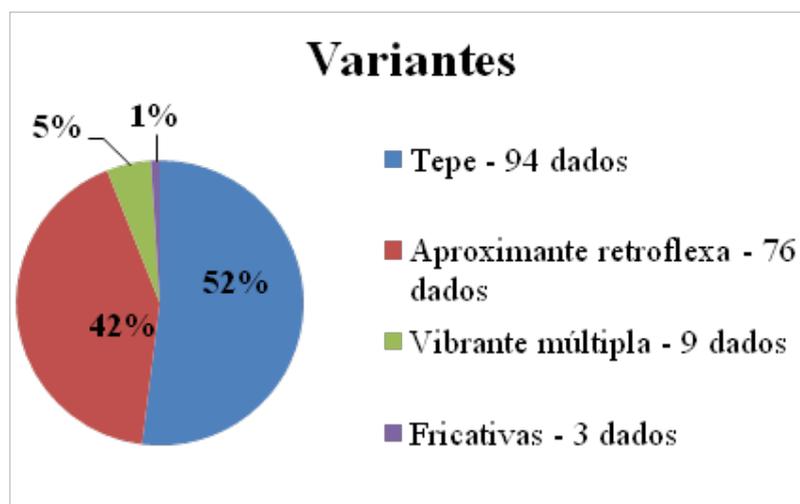


Gráfico 8: Realizações do R em verbos na Região Sul (interiores)

Em não verbos – categoria com um número bastante superior de ocorrências de realização do rótico – essa distribuição se deu de forma um pouco diferente, ainda que tenham aparecido novamente as mesmas variantes. Dentre os 680 dados de formas não verbais, 89% foram realizados (606 ocorrências de R em coda final). A variante vibrante múltipla e as realizações fricativas, uma vez mais, foram minoria, alcançando um índice aproximado de 4% e 1%, respectivamente. A diferença está na distribuição da aproximante retroflexa e do tepe: nos não verbos a primeira variante se destacou, alcançando um percentual de realização de 58%, enquanto a segunda apareceu na segunda posição com um percentual de 37% (Gráfico 9).

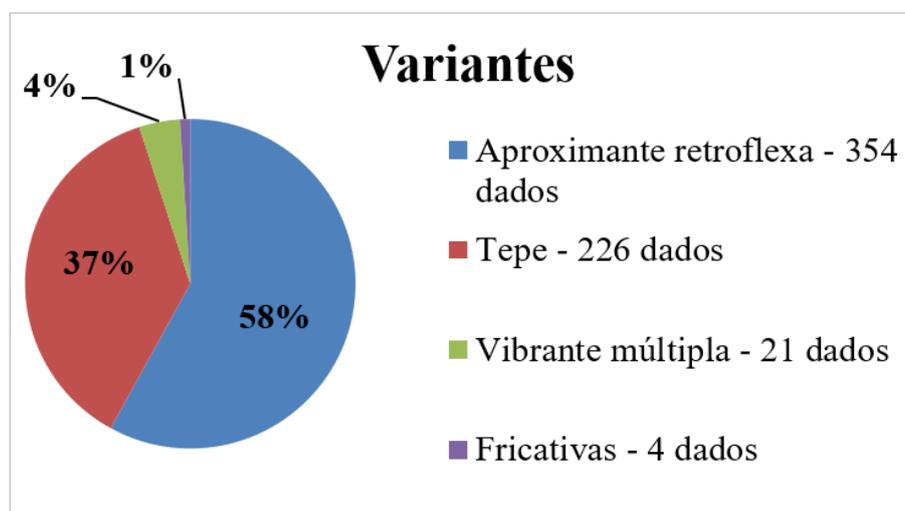


Gráfico 9: Realizações do R em não verbos na Região Sul (interiores)

Nas cidades do Rio Grande do Sul – Santa Maria e Caçapava do Sul – o que predomina é o uso do tepe; o comportamento das cidades de Santa Catarina foi diferenciado: Criciúma utilizando com mais frequência a aproximante retroflexa, enquanto Lages prefere empregar o tepe; no interior do Paraná – Guarapuava e Campo Mourão – a aproximante retroflexa predomina com altos índices de realização (Tabela 10).

Cidade	Verbos/variante preferida	Nãoverbos/variante preferida
Santa Maria (RS)	Tepe(69%)	Aproximante retroflexa (52%)
Caçapava (RS)	Tepe (73%)	Tepe (83%)
Criciúma (SC)	Aproximante retroflexa (67%)	Aproximante retroflexa (66%)
Lages (SC)	Tepe (69%)	Tepe (50%)
Campo Mourão (PR)	Aproximante retroflexa (76%)	Aproximante retroflexa (99%)
Guarapuava (PR)	Aproximante retroflexa (65%)	Aproximante retroflexa (94%)

Tabela 10: Variantes do *R* predominantes, em verbos e não verbos, no interior da região Sul

A partir desses resultados, podemos identificar algumas diferenças significativas entre o comportamento dos falantes da capital e do interior. Visto que a presença de fricativas nos municípios do interior é muito baixa, podemos afirmar que a preferência da capital de Santa Catarina por essa variante – preferência vista na seção anterior e já apontada em Monaretto (1997) – não se repete nas cidades do interior estudadas (Criciúma e Lages). Além disso, o uso da realização retroflexa cresce substancialmente nessas localidades – principalmente nos municípios do Paraná – chegando a ser a variante predominante nos dados de não verbos, o que difere da baixa frequência dessa variante nas capitais.

Distribuição do apagamento

Assim como visto nos resultados das capitais, nos dados do interior, em ambos os casos – verbos e não verbos –, a área de origem do informante foi a segunda variável selecionada durante as rodadas, ficando atrás apenas do fator estrutural vogal antecedente. No Gráfico 10, são apresentados os percentuais de apagamento em cada um dos municípios, separando sempre os dados por verbos e não verbos. O fato de a variável referente à região de origem do falante ser sempre selecionada também nos revela a atuação diferenciada do fenômeno de cancelamento pelas áreas da região Sul, o que vai ao encontro das tendências reveladas pelo ALiB e do que apontam os trabalhos de Monaretto (1997, 2000, 2002) sobre a própria diversidade linguística do Sul do país.

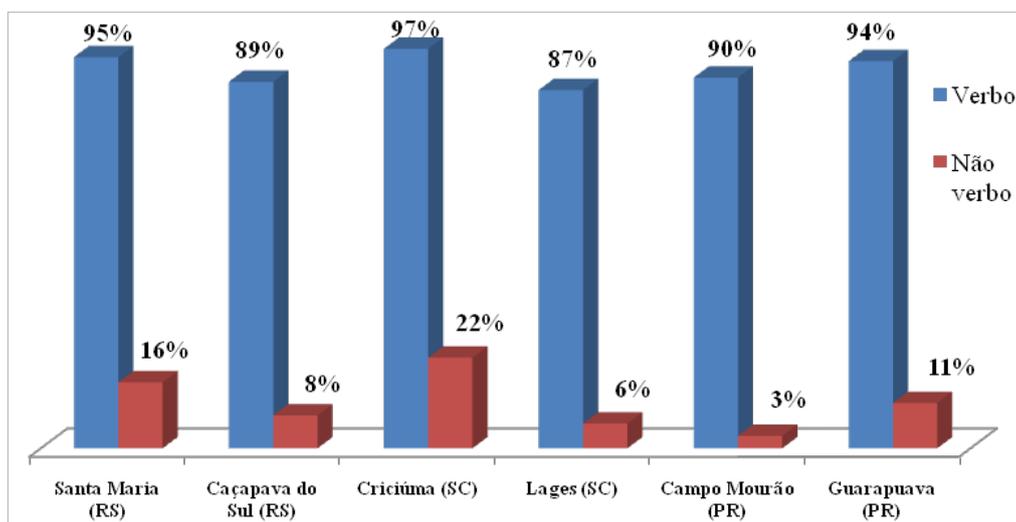


Gráfico 10: Distribuição de apagamento do R no interior da Região Sul

Após a realização de rodadas individuais com dados de cada município, para a classe dos verbos, três variáveis foram selecionadas como relevantes para a aplicação do processo de apagamento: vogal antecedente, faixa etária e contexto subsequente. A variável qualidade da vogal antecedente foi selecionada na rodada de cinco dos seis municípios analisados: enquanto a presença da vogal [o] antes do rótico favoreceu a manutenção do segmento, as demais vogais apresentam um peso relativo para o apagamento bastante superior (Tabela 11, Exemplos 8 e 9). De acordo com trabalhos anteriores dedicados ao comportamento do rótico, a presença de uma vogal com traço mais arredondado funciona como contexto favorecedor da realização do rótico. Assim como observamos em nossos dados, em trabalhos como os de Callou (1987) e Brandão, Motta e Cunha (2003), os pesos relativos para o apagamento do R foram superiores quando esse segmento se encontrava depois de uma vogal de traço [-arred].

Cidade		i	e	ε	a	ɔ	o	u
Criciúma <i>Input .97</i>	1°	100%	97% .56	89% .13	98% .55	-	58% .04	-
Santa Maria <i>Input .95</i>	1°	98% .64	96% .51	100%	96% .48	-	25% .01	-
Caçapava <i>Input .90</i>	1°	95% .56	.97 .68	96% .64	95% .51	-	9% .007	-
Campo Mourão <i>Input .90</i>	4°	86% .46	85% .45	100%	94% .55	-	20% .03	-
Guarapuava <i>Input .94</i>	1°	96% .51	93% .35	100%	97% .62	-	9% .004	-

Tabela 11: Distribuição de apagamento do R, em verbos, a depender da vogal antecedente, no interior da região Sul.

(8) “Ah ele sempre diz moço o... depende... se é, se fo**R** jovem é, o moço senão o cara, o

cara.” (Caçapava do Sul, informante 2)

(9) “Pra limpar o chão tem que seØ com... com a vassoura.” (Caçapava do Sul, informante 3)

Outra variável apontada com relevante para a aplicação do processo de apagamento do rótico em verbos foi a faixa etária do informante. Seleccionada apenas nas rodadas de três municípios, os resultados não seguiram o mesmo padrão: enquanto em Criciúma os indivíduos mais velhos apresentaram o maior percentual de apagamento, em Lages e Campo Mourão, os mais jovens são os que optam com mais frequência pelo cancelamento do segmento (Tabela 12).

Cidade		Faixa 1			Faixa 2		
Criciúma <i>Input .97</i>	2°	158/168	94%	.33	289/295	98%	.60
Lages <i>Input .87</i>	1°	98/101	97%	.78	103/129	80%	.27
Campo Mourão <i>Input .90</i>	2°	135/142	95%	.80	197/228	86%	.29

Tabela 12: Distribuição de apagamento do R, em verbos, a depender da faixa etária do informante, no interior da região Sul

Outro grupo de fatores relevante para o apagamento foi o contexto subsequente (seleccionado na rodada de dois municípios), com a presença da pausa como um elemento que favorece a manutenção do rótico, assim como visto nos resultados relativos às capitais. O contexto de consoante foi o que apresentou o maior índice de favorecimento ao apagamento, enquanto o contexto de vogal também inibe o processo (Tabela 13, Exemplos 10, 11 e 12).

Cidade		Pausa			Vogal			Consoante		
Criciúma <i>Input .97</i>	3°	121/131	92%	.13	164/167	98%	.32	162/165	98%	.91
Lages <i>Input .87</i>	2°	34/44	77%	.28	86/98	88%	.49	81/88	92%	.63

Tabela 13: Distribuição de apagamento do R, em verbos, a depender do contexto subsequente, no interior da região Sul.

(10) “Brincar de galinha quer pôR.” (Criciúma, informante 3)

(11) “Começou a saiØ o sol.” (Criciúma, informante 1)

(12) “Não vai saiØ de casa hoje?” (Criciúma, informante 4)

Para os não verbos, apresentamos três variáveis que se mostraram significativas para aplicação do processo de apagamento do rótico: além das variáveis vogal antecedente e faixa etária – apontadas também para os verbos – foi selecionada a variável dimensão do vocábulo. Na análise dos não verbos de todas as localidades estudadas, a qualidade da vogal se mostrou bastante relevante: a presença de uma vogal de traço [-arred] favoreceu a supressão do segmento, enquanto a presença de uma vogal com traço [+arred] funcionou como um inibidor para a aplicação do processo (Tabela 14).

Cidade		i	e	ε	a	ɔ	o	u
Criciúma <i>Input .22</i>	1°	-	50% .79	0%	37% .68	10% .28	18% .45	-
Lages <i>Input .06</i>	1°	-	0%	75% .99	0%	0%	6% .33	-
Santa Maria <i>Input .16</i>	1°	-	71% .93	27% .62	11% .35	0%	15% .40	0%
Caçapava <i>Input .08</i>	1°	-	25% .88	38% .94	11% .76	3% .19	3% .38	0%
Campo Mourão <i>Input .03</i>	1°	-	0%	22% .99	0%	0%	2% .33	-
Guarapuava <i>Input .11</i>	1°	0%	12% .91	10% .93	0%	0%	5% .12	-

Tabela 14: Distribuição de apagamento do R, em não verbos, a depender da vogal antecedente, no interior da região Sul

Em cinco dos seis municípios estudados, a dimensão do vocábulo foi outro fator relevante para a aplicação do cancelamento: o apagamento ocorreu exclusivamente em palavras de duas sílabas ou mais sílabas; em monossílabos, a realização do segmento foi categórica (Tabela 15, Exemplos 13 e 14). Os resultados apresentados na seção anterior, relativos às capitais, e nesta, relativos às localidades do interior, reforçam o que já foi mencionado em outros estudos: palavras de uma sílaba tendem a preservar o segmento rótico devido à saliência fônica. Observa-se, no entanto, que os índices de apagamento mesmo em vocábulos de maior dimensão ainda é baixo, o que confirma a preferência dos falantes das cidades do interior da região Sul pela realização do rótico quando este se encontra em uma forma não verbal.

Cidade	Monossílabos			2 sílabas ou +		
Lages <i>Input .06</i>	0/12	0%	-	5/69	7%	-
Santa Maria <i>Input .16</i>	0/9	0%	-	15/83	18%	-
Caçapava <i>Input .08</i>	0/21	0%	-	13/136	10%	-
Campo Mourão <i>Input .03</i>	0/11	0%	-	3/103	3%	-
Guarapuava <i>Input .11</i>	0/10	0%	-	13/113	11%	-

Tabela 15: Distribuição de apagamento do *R*, em não verbos, a depender da dimensão do vocábulo, no interior da região Sul.

(13) “Ele vai te*R* alta hoje.” (Campo Mourão, informante 2)

(14) “Vai passear lá, outros, assisti futebol, né?” (Campo Mourão, informante 3)

A variável faixa etária do informante foi selecionada em rodadas de dois municípios e, novamente, os resultados não foram conclusivos: no município de Campo Mourão, os indivíduos mais jovens tendem a cancelar o *R* com mais frequência, enquanto em Guarapuava, os mais velhos implementam a regra (Tabela 16).

Cidade	Faixa 1				Faixa 2		
Campo Mourão <i>Input .03</i>	2°	2/26	7%	.99	1/88	1%	.27
Guarapuava <i>Input .11</i>	2°	1/60	2%	.12	12/63	19%	.88

Tabela 16: Distribuição de apagamento do *R*, em não verbos, a depender da faixa etária, no interior da região Sul.

Com a análise quantitativa e qualitativa dos dados das capitais e do interior da região Sul, somos capazes de tecer algumas considerações a respeito do fenômeno do apagamento do *R* em posição de coda silábica final: os índices de cancelamento em formas verbais são bastante semelhantes nas capitais e nos municípios do interior, evidenciando uma mudança quase completa em direção ao zero fonético; em não verbos, o fenômeno está mais avançado nas capitais, principalmente em Florianópolis.

Com relação às variantes produzidas, há um maior uso da aproximante retroflexa no interior (principalmente paranaense), se comparado às capitais, onde o tepe é a variante predominante; e variáveis como o tipo de vogal antecedente, a dimensão do vocábulo e o contexto subsequente influenciam diretamente o fenômeno de cancelamento do rótico.

Considerações finais

Após analisar os dados das três capitais e dos seis municípios interioranos, é possível verificar que, mesmo na região Sul, o apagamento do rótico em coda silábica final avança. Quanto às capitais, Florianópolis é a que mais aplica a regra de apagamento do rótico em posição pós-vocálica seja em verbos, seja em não verbos, como aponta este estudo. Nessa categoria, apresenta inclusive um resultado (41% de apagamento) discrepante com relação às outras capitais – Curitiba (5%) e Porto Alegre (7%). As capitais se diferenciam também quanto ao tipo de variante mais realizada. Em Curitiba e em Porto Alegre, tanto na categoria de verbos quanto na de não verbos, a prevalência é de tepe. Já em Florianópolis, a vibrante ocorre em maior número (48%) apenas entre os verbos, apesar da concorrência com a fricativa velar (42%), que sobressai entre os não verbos para a capital catarinense.

Quanto aos municípios interioranos, os percentuais de apagamento em verbos estão acima de 80%, em todos os municípios analisados, bem como os *input* elevados em todas as rodadas estatísticas mostram a preferência dos informantes pelo zero fonético em oposição à realização do segmento. Por outro lado, na coda final de não verbos, os índices de apagamento ainda se mostram menos expressivos, comprovando que o fenômeno de apagamento ainda se encontra em fase inicial. Com índices muito abaixo dos 50% e *input* de aplicação da regra de apagamento sempre baixo, a preferência dos falantes é pela realização do *R* quando o vocábulo for uma forma não-verbal. Ainda que alguns itens lexicais como *mulher* e *qualquer* se repitam na lista de não verbos em que houve apagamento do *R*, o cancelamento não está restrito a itens lexicais específicos. Com isso, vemos que o fenômeno de apagamento continua sendo extremamente sensível à classe morfológica dos vocábulos nos falares do Sul do país.

A respeito das variantes, vimos que o tepe e a aproximante retroflexa são as mais produtivas na região Sul: enquanto, nas cidades do Paraná, há um predomínio da variante retroflexa, no Rio Grande do Sul, a preferência é pelo tepe e, em Santa Catarina, há um equilíbrio entre as duas variantes. Observou-se ainda que a frequência de uso da vibrante múltipla é bastante baixa e que a presença de variantes fricativas é quase inexistente (à exceção do que acontece em Florianópolis, entre os não verbos). Além disso, foi possível estabelecer algumas diferenças entre os resultados dos municípios interioranos e os das capitais, pois o uso da aproximante retroflexa cresce substancialmente nas cidades do interior da região Sul e as variantes fricativas, frequentes na fala dos informantes de Florianópolis – 42% de fricativa velar e 10% de glotal, nos verbos, e 69% de velar e 19% de glotal, em não verbos – desaparecem nas cidades do interior de Santa Catarina.

Após esse grande balanço sobre a pronúncia/cancelamento dos róticos em coda final, pensamos que o principal objetivo deste artigo foi alcançado: contribuir para os estudos na área da Fonética e da Fonologia, através de uma análise detalhada do comportamento linguístico dos róticos nas localidades investigadas. Expandimos o mapeamento dos falares do Sul do Brasil

e, em última instância, esperamos que os resultados desta pesquisa deem um contributo à descrição dos falares brasileiros no âmbito do projeto ALiB e gerem novas ideias e descobertas que aprofundem esta proposta.

Referências

ABAURRE, M.B.; SANDALO M.F. Os róticos revisitados. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 5.4.08, 2015 (disponível em www.praat.org).

BRANDÃO, S.F.; MOTA, M.A. & CUNHA, C.S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo. In: BRANDÃO, S.F. & MOTA, M.A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

BRANDÃO, S.F.; PESSANHA, D.B.; PONTES, S.P.; CORREA, M.O. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 2017.

BRANDÃO, S.F.; DE PAULA, A. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, S.F. (org.). *Duas Variedades Africanas do Português: Variáveis Fonético-Fonológicas e Morfossintáticas*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018.

BRESCANCINI, C. & MONARETTO, V.N.O. Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 2008, p.49-64.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, D. & SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*. v. 14, n. Especial, 2012, p.41-58.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: INGEDORE, G. & KOCH, V. *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p.463-489.

CALLOU, D. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, COSTA & CARDOSO (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa*, 2009, pp. 129-151.

CALLOU, D.; SERRA, C. & CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. In: HORA, D. & BATTISTI, E. (orgs.). *Revista da Abralin*. v. 14, n. 1, 2015.

CARDODO, S.A.M. DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.). Salvador: Vento Leste, 2003.

CARDOSO, S.A.M.S. *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*. v.2. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

HORA, D. & MONARETTO, V. N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. p. 114-143. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Centre of Applied Linguistic, 1962.

_____. *Sociolinguistic pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change. Social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

MONARETTO, V.N.O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.35, p.275-284, 2000.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002.

_____. Descrição da vibrante do português do sul do Brasil. In: BISOL, L. & COLLISCHONN, G. (orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MONGUILHOTT, I.O.S. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. In: *Encontro do círculo de estudos linguísticos do sul*, Florianópolis, 1997. Anais do II Celsul, 1997.

_____. A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 1, 2007, p.147-169.

OLIVEIRA, I. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região sul no projeto ALiB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldvarbX: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005.

SANTANA, M. *O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

SERRA, C. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Fraseamento prosódico e percepção no Português do Brasil: para o estudo dos estilos de fala. *Revista Sitientibus*, v. jan-jul (42), p. 33-58, 2010.

SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, APL, 2013, p.585-594.

_____. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: DE DOMINICIS, A. (org.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics International Conference*. Viterbo: DISUCOM PRESS, 2015, p. 96-113.

SILVEIRA, G. *O apagamento da vibrante na fala do Sul do Brasil sob a ótica da palavra*. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Letras. UFRGS, Rio Grande do Sul, 2017.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, UNICAMP, Campinas, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Tradução de Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Sobre Dinah Callou — Ingrid da Costa Oliveira¹¹

Sobre Dinah Callou — Mayra Santana¹²

Sobre Dinah Callou — Karilene da Silva Xavier¹³

11 Dinah faz parte da minha trajetória acadêmica desde meu primeiro ano na Faculdade de Letras, quando me recebeu na F-312 e me auxiliou em meus primeiros passos na pesquisa em Língua Portuguesa. Além de contar sempre com seu apoio e incentivo nos períodos de graduação, mestrado e doutorado, tive o prazer de assistir às suas aulas em 2018. Espero que com esse texto possamos transmitir um pouco de nosso agradecimento e admiração.

12 Dinah foi uma importante contribuição para meu processo de formação acadêmica, com sua ajuda, seu apoio e sua orientação. Sempre foi atenciosa e presente, desde 2014, quando iniciei a iniciação científica, passando pelo período do mestrado, entre 2015 e 2017, quando também foi minha professora

13 Com toda a ajuda e atenção da professora Dinah, pude aprofundar os meus conhecimentos na pesquisa linguística, desde a iniciação científica, no ano de 2013, como também contar com sua valiosa participação na banca de arguição do meu mestrado e sua contribuição no curso de doutorado, quando

Sobre Dinah Callou — *Carolina Ribeiro Serra*¹⁴

foi minha professora em 2017.

14 Dinah nos inspirou e orientou os nossos passos no desenvolvimento de todas as pesquisas surgidas na famosa sala F-312, da Faculdade de Letras da UFRJ. Desde a publicação, em 1987, da sua tese de doutorado (defendida em 1980), verdadeiras legiões têm bebido da fonte que são os estudos da Dinah, quando o assunto são os sons de *R*, e não só. Gostaríamos então que, com este texto sobre os róticos e este número especial como um todo, a Dinah tivesse registrados, mais uma vez, o carinho e a admiração que temos por ela, como profissional e como pessoa.